

Título	Roebing North 4th St.	Autor	Allen Frame
Data	2006	Artista	Mauro Restiffe
Publicação	GROSSMANN, Martin; PEDROSA, Adriano; FRAME, Allen. <i>Mauro Restiffe</i> . São Paulo: Casa Triangulo, 2006.		

Roebing North 4th St.

Durante os últimos anos, Mauro Restiffe tem usado a fotografia para questionar certos limites entre dimensões físicas no espaço; entre fotografia, pintura e escultura; e entre a anarquia da natureza e a ordem imposta pelo ambiente construído. Atestando a força de seu olhar, ao chegar do Brasil em Nova York no ano passado, ele pode imediatamente transpor suas questões em frente à sua casa no Brooklyn, uma construção na esquina Roebing com a North 4th St. Forneceu material para uma nova série que ao mesmo tempo diverte e desconcerta.

De forma típica, Restiffe confunde logo a primeira premissa: isto é uma construção ou uma demolição? Gradualmente fica claro que se trata da primeira hipótese, com os registros do local à noite, sob o brilho lunar das luzes de rua, sugerem ruínas abandonadas; numa imagem um Cadillac de duas cores, estacionado, evoca o clima de suspense de um filme-noir. Mesmo quando o expressionismo de uma noite esboçada torna-se dia, (seja um crepúsculo, uma tarde fechada ou durante uma tempestade de neve), a mesma melancolia sombria impregna o local, como quando a estrutura enquadra áreas vazias de céu (ou capta dentro de seu contorno uma torre de igreja próxima) e o trabalho de construção, temporariamente interrompido, parece, ao contrário, abandonado. (Numa fotografia, trabalhadores dissolvem-se quase despercebidos nas sombras escuras de uma andar superior, mas fora isso, a construção está deserta e erma, e os únicos transeuntes por lá são figurativos; a marca preta, que lembra um malandro gingando, rabiscada na cerca de compensado, ou pedestres numa placa de alerta, flutuando sobre a calçada).

Têm sido comuns na fotografia as séries documentárias sóbrias e metódicas que representam as etapas comparativas de mudança numa situação, ou tipologias como os Bechers que lamentam a perda de um tipo de edifício vernacular que está se extinguindo. Até Andreas Gursky, sorrindo com desdém das alturas do Mt. Olimpo, sistematicamente contempla o ambiente construído global, mostrando o conformismo generalizado frente à ordem fascista do final do sonho capitalista. Restiffe, com um bem vindo frescor, vira de cabeça para baixo essa postura documental ao focalizar obsessivamente um prédio comum sem maior importância, na sua instalação fotográfica também não há qualquer sequência de apresentação que esclareça o antes e depois da construção. Tampouco há qualquer preocupação social com o impacto que o edifício possa causar ao seu ambiente.

A brincadeira das fotografias, a visão entrópica mundana de um lado e o glamour cinematográfico DeChiresco do outro, subverte as expectativas do observador e libera o projeto para a imaginação do fotógrafo. O Brooklyn bem que poderia ser São Paulo, as imagens da construção quase chegam a parecer o registro de uma instalação escultural oriunda do capricho do próprio artista – blocos de brinquedo amontoados numa pilha autocomplacente, num palco proscênio (a rua), para afirmar o que um artista pode fazer com a harmonia incongruente de materiais diversos: uma passarela gradeada assomando como uma ponte na selva, pilares de tijolo inacabados espreitando grade de olhos fixos e escuros esmagando a fachada. Nesses improvisos de livre associação, o artista invoca um campo inteiro de trabalho, desde a instalação acerba de Cady Noland no início dos anos 90, um canteiro de obras regado de cerveja, até os arranjos de ready-mades peculiares de Jason Rhoades, densos e bagunçados.

Título	Roebing North 4th St.	Autor	Allen Frame
Data	2006	Artista	Mauro Restiffe
Publicação	GROSSMANN, Martin; PEDROSA, Adriano; FRAME, Allen. <i>Mauro Restiffe</i> . São Paulo: Casa Triangulo, 2006.		

E, como de costume, Restiffe, à sua maneira própria, sutil, perplexa e filosófica, diverte-se ao referir indiretamente à dependência da pintura no “grid”, à reverência da fotografia ao documento, ao fascínio da escultura pela instalação, enquanto utiliza como veículo um exemplo medíocre de residências genéricas, elevado através do seu escrutínio ao status mais comumente reservado aos edifícios de proeminência arquitetural (como no trabalho recente de Thomas Ruff e Hiroshi Sugimoto).

Por quê preto e branco? A cor passou a ser tão obrigatória em todos os gêneros da fotografia que a escolha de preto e branco tornou-se uma outra maneira de quebrar o convencional. E preto e branco permite mais facilmente o tipo de ambigüidade que Restiffe procura. No passado, seus trabalhos eram ligados um ao outro como caixas dentro de caixas. Uma ideia ou referência visual é levantada e estendida de uma imagem à outra em grupos pequenos de trabalho, como em sua série Vermeer, composta de quatro versões de uma só imagem. O “local” nessas fotografias anteriores é um local dentro de uma fotografia, e revisitar o “local” significa voltar às suas próprias fotografias, enquanto no trabalho do Brooklyn, o “local” é literalmente uma construção e a elaboração da série requer reinvestigações daquele local específico. O projeto “Roebing & 4th St.” é mais hermético. Sem a sutileza metafísica habitual de Restiffe, temos que nos esforçar um pouco mais para decifrar exatamente o que ele está fazendo aqui neste trecho esquisito do mundano. A granulação exagerada pela grande escala de suas ampliações, sem a sensualidade das imagens anteriores, pode também ser um desafio àqueles que enxergam somente uma espécie de “white noise”. Mas o que a princípio parece agradável na medida que as contradições do trabalho se desdobram, oferecendo inesperado prazer.